

J. R. Ward
a escrever como
Jessica Bird

DIZ-ME QUEM ÉS

Tradução
Ana Paula Florindo

*Quinta Essência**

Capítulo 1

JOHN SMITH OLHOU PARA O RELÓGIO e observou o salão de baile do Hotel Plaza.

As coisas estavam a correr bem. De acordo com o que acabara de ouvir pelo auricular, o avião do embaixador aterrara sem problemas em La Guardia e o homem chegaria à festa a tempo.

Os olhos de Smith ignoraram a multidão reluzente. Era a mesma cena vistosa, comum aos jantares de cinco mil dólares o prato. Mulheres com jóias e vestidos compridos, homens de *smoking*, o valor líquido coletivo da sala a chegar à estratosfera. No meio da multidão em movimento faziam-se negócios, contactos comerciais eram estabelecidos e as descortesias sociais eram trocadas com sorrisos. O lugar estava cheio de beijos no ar e de apertos de mão.

Sob os lustres do elegante salão de baile, todos eles pareciam ter o mundo preso pela garganta. Smith sabia que não era bem assim. Já havia sido contratado por *alguns*, conhecera os seus segredos sujos e vícios escondidos; até já vira alguns deles receberem um telefonema a despertá-los para a vida real.

Ser alvo de um perseguidor armado era motivo de preocupação. O nosso filho é raptado por um louco que espera que larguemos um par de milhões? Isso era um problema. Se as

mamas falsas da nossa amante são ou não simétricas, isso é de pouca importância.

O perigo, tal como a doença, era o grande equalizador e os ricos aprendiam depressa o que realmente era importante quando a tragédia lhes batia à porta. Por cortesia da visita, também tinham algumas aulas sobre a sua resistência. Smith vira empresários endurecidos irem-se abaixo, a soluçar de medo. Também vira grandes reservas de força aparecerem numa mulher que anteriormente se preocupava apenas com roupa.

Ser especialista em segurança pessoal era uma profissão perigosa, mas a única coisa que se imaginava a fazer. Com a sua experiência no exército e nos serviços de informação, e o facto de não aceitar ordens de bom grado, ele era ideal. Um observador, um protetor, um assassino se fosse necessário, Smith estava no topo do seu ramo e a sua pequena empresa, a Black Watch, Ltd., lidava com toda a gente, desde estadistas a financeiros, passando por figuras internacionais.

Para alguns, teria sido uma vida dura. A sua profissão obrigava-o a voar por todo o mundo, dormir em quartos de hotel, ficar em casa de outras pessoas, partir para o trabalho seguinte sem uma pausa. Para ele, a falta de continuidade era apelativa. Necessária.

Um saco da tropa com roupa e duas malas de metal com equipamento eram os seus únicos pertences. O dinheiro que ganhava, e não era pouco, estava espalhado por várias contas *offshore* sob vários nomes diferentes. Sem um número de segurança social válido, e sem que as finanças ou qualquer outra agência do governo tivessem um registo seu que não fosse secreto, ele era, para todos os efeitos, um fantasma.

Mas isso não significava que passasse despercebido.

Uma mulher de vestido preto justo passou por ele, lançando-lhe um olhar convidativo que, provavelmente, muitos

homens achariam irresistível. Ele olhou para lá e através dela. Não estava interessado num romance rápido com uma diva social. A experiência ensinara-lhe a manter-se junto de pessoas como ele.

As mulheres com quem estivera eram tendencialmente membros da comunidade dos serviços de informação ou do exército.

Elas entendiam a vida dele e nada esperavam para além de uma noite partilhada, ou duas, de um corpo para lhes aquecer a cama. As mulheres tinham tendência para examinar o futuro depois de fazerem sexo e lidar com as suas expectativas deslocadas exigia tempo e paciência que ele não tinha.

O seu auricular soou. O «pacote» estava na limusina, a dirigir-se para o Plaza.

– Obrigado, Tiny¹ – disse ele para um pequeno transmissor no pulso.

O embaixador tinha recebido ameaças de morte; por isso Smith encontrava-se na festa.

Quando observou a multidão, não esperou problemas. Espalhou vários dos seus homens pelos convivas. Conhecia-os a todos e confiava neles pois escolhera-os pessoalmente nas elites militares. A Black Watch era a única empresa que ele conhecia onde antigos *rangers*, *marines* e *navy SEALs* podiam trabalhar juntos sem andarem aos socos. Se algo acontecesse nessa noite, trabalhariam em conjunto e fariam os impossíveis para proteger o embaixador.

Porém, Smith não estava preocupado porque sabia algo que mais ninguém sabia. O homem que andara atrás do embaixador fora morto umas cinco horas antes, num posto avançado

¹ *Tiny* significa minúsculo ou pequeno. (*N. da T.*)

deserto do seu país de origem. Smith fora informado por um velho amigo e, tendo em conta a fonte, estava certo de que a informação era correta. Isso não queria dizer que o embaixador estava fora de perigo, já que os assassinos podiam ser facilmente substituídos, mas diminuía a probabilidade de haver problemas em concreto naquela noite.

Apesar do nível reduzido de ameaça, Smith não estava menos alerta. Sabia onde estavam todos os corpos no salão de baile e de que forma se movimentavam, como entravam e saíam do espaço. Nem o melhor serviço de informação do mundo iria mudar a precisão da sua visão periférica ou da sua rápida assimilação de informações.

A vigilância era uma segunda natureza para ele. Tão imutável como a cor dos seus olhos.

Smith sentiu que alguém se aproximava dele por trás. Voltou-se e olhou para o rosto preocupado de Alfred Alston, o anfitrião da gala. O homem tinha um aspeto aristocrático, com uma cabeça cheia de cabelos prematuramente embranquecidos e os obrigatórios óculos com armações de osso. Smith gostava dele. Tinha-se mostrado uma pessoa de trato fácil.

– Lamento imenso intrometer-me, mas... viu a minha mulher?

Havia uma leve cadência inglesa nas suas vogais, sem dúvida ali deixada quando a sua família tinha cruzado o Atlântico, em 1630.

Smith abanou a cabeça.

– Ela já devia ter chegado. Sei que detestaria perder a entrada do embaixador. – Os dedos magros de Alston subiram e ajeitaram o laço. – Embora esteja certo que ela chegará a qualquer momento.

A tensão em torno dos olhos do homem era mais verdadeira que as suas palavras.

– Quer que mande um dos meus homens a sua casa? – Alston havia sido um bom desportista e Smith não se teria importado com o esforço extra. Além disso, não levaria muito tempo. Os seus homens tinham maneiras de conduzir pelo tráfego que fariam os motoristas de táxi de Nova Iorque parecerem *Amish*.

Alston esboçou um sorriso preocupado.

– Obrigado, é muito simpático da sua parte, mas não quero incomodá-lo.

– Se mudar de ideias, diga-me. A propósito, o embaixador vai chegar a horas.

– Ainda bem que cá está. O Curt Thorndyke tinha razão: você tranquiliza um homem.

Smith retomou o seu trabalho passando o olhar pelo salão. Dali a vinte minutos o embaixador chegaria. Haveria lugar às fotografias da praxe, ao fletir de joelhos e depois o jantar seria...

Os olhos de Smith retiveram-se em algo.

Ou melhor dizendo, em alguém.

Por entre a multidão, olhou fixamente para uma mulher loura que acabara de chegar. Vestia um deslumbrante vestido prateado e estava de pé junto à entrada requintada para o salão de baile, demasiadamente radiante para ser real.

Reconheceu-a de imediato. Quem não reconheceria?

A condessa Von Sharone.

À medida que as pessoas se apercebiam da sua presença, as conversas no salão de baile mudavam para um sussurro. O estatuto social da gala, já de si elevado, atingiu o auge com a sua chegada e a aprovação da multidão era perceptível.

Se todas aquelas personagens vestidos a rigor não estivessem de copo na mão, os aplausos não se fariam esperar, pensou ele secamente. Como se ela fosse o homenageado e não o embaixador.

Mesmo assim, tinha de admitir que ela era deslumbrante. Com o seu cabelo louro penteado ao alto, era uma beleza clássica com feições delicadas e uns deslumbrantes olhos verdes. E aquele vestido! Moldando o corpo, movia-se como água à medida que ela entrava no salão.

Meu Deus! Como era *bonita*, pensou. Isto se se gostasse daquele tipo aristocrático – que não era o seu caso.

Alston foi ao seu encontro. Ela estendeu uma mão e aceitou beijos no ar em ambas as faces, sorrindo. Foi abordada por outra pessoa, e depois outra, até ser levada pelo salão numa onda de bajulação. Smith seguiu-lhe todos os passos.

Ele lembrou-se que, recentemente, ela aparecia nos jornais, embora nunca estivesse realmente fora deles. As suas roupas, festas, aquele casamento extravagante, tudo isso fora matéria para tabloides e para jornais conceituados. No entanto, o que tinha ele lido acerca dela ultimamente? O pai morrera recentemente. E tinha havido alguma cobertura sobre ela e cinco outras mulheres na secção de Estilo do *New York Times*. Smith vira a notícia no jornal na receção do Plaza.

«Aquilo é que é nascer em berço de ouro», pensou, enquanto olhava para as pesadas pérolas e diamantes nas orelhas dela. A fortuna da sua família rondava os vários milhares de milhões e aquele conde com quem casara também não vivia propriamente do salário mínimo.

À medida que avançava pelo salão, ela girou na direção dele e encontrou o seu olhar. As suas sobranceiras ergueram-se majestosamente quando ele não desviou o olhar.

Talvez ela não gostasse de ser olhada fixamente; talvez sentisse que ele não pertencia ali embora estivesse vestido de acordo com a ocasião. Talvez fosse a luxúria que ele estava a sentir que transparecia no seu rosto.

Smith escondeu a sua reação enquanto ela o observava. Ficou surpreendido pelo brilho de astúcia nos seus olhos e pelo facto de ela olhar demoradamente para a sua orelha esquerda, a que tinha o auricular. Não esperara que ela fosse tão observadora. Uma apreciadora de *haute couture*, certamente. A acompanhante de algum homem rico, sem dúvida. Mas esconder metade de um cérebro sob toda aquela fachada? De maneira nenhuma.

A condessa avançava pelo salão quando a voz profunda de Tiny soou no seu auricular. O embaixador estava a quinze minutos de distância. Smith olhou para o relógio. Quando ergueu de novo o olhar, ela estava parada à sua frente, tendo já escapado aos seus admiradores.

– Eu conheço-o? – A voz era suave, um tom um pouco baixo para mulher. Incrivelmente sensual.

O sorriso que ela lhe ofereceu era meigo e de boas-vindas, nada que se assemelhasse ao esgar aristocrático e frio que ele esperava.

Smith pestanejou. Os seios dela estavam ocultos pelo vestido prateado, mas perfeitamente delineados, e a cintura abaixo deles era estreita. Ele imaginou que as pernas, também ocultas pelo vestido, deveriam ser igualmente perfeitas. Também notou o perfume, algo leve e penetrante que chegou ao seu nariz e depois ao sistema nervoso.

– Não nos conhecemos? – repetiu ela, estendendo a mão, à espera de uma resposta.

Smith olhou para baixo. Ela oferecia-lhe a mão esquerda e ele reparou nas jóias no dedo anelar. Usava uma safira enorme e um grande anel de diamantes.

Os anéis lembraram-lhe que acabara de despir mentalmente uma mulher casada.

Olhou-a nos olhos, desejando que ela desaparecesse para bem longe. Começavam a atrair as atenções com ela assim, de mão estendida.

– Não, a senhora não me conhece – disse ele roucamente, agarrando-lhe na palma da mão.

No momento em que ela lhe tocou, uma forte sensação de calor subiu-lhe rapidamente pelo braço e ele observou que ela se apercebera disso pelo brilho nos seus olhos. Ela recuou abruptamente.

– Tem mesmo a certeza de que não nos conhecemos? – Inclinou a cabeça para um dos lados ao mesmo tempo que esfregava a mão, como se estivesse a tentar livrar-se de uma sensação desagradável.

O auricular dele disparou mais uma atualização sobre o embaixador.

– Sim, tenho a certeza.

Smith virou-se e afastou-se dela.

– Espere – ouviu-a chamá-lo.

Sem de deter, ele continuou a dirigir-se para a parte de trás do salão. Empurrou uma porta e entrou num corredor cheio de cadeiras e mesas extras. Lâmpadas fluorescentes estavam suspensas do teto baixo e lançavam severas no chão de cimento. O corredor levá-lo-ia até à entrada de serviço que o embaixador iria usar.

Quando ouviu um clique atrás dele, voltou-se. A condessa tinha-o seguido.

Até sob a luz intensa ela era arrebatadora.

– O que está a fazer? – perguntou-lhe ele.

– Quem é você?

– O que tem a senhora a ver com isso?

Ela hesitou.

– Estava a olhar para mim como se nos conhecêssemos.

– Confie em mim. Não nos conhecemos.

Smith começou a afastar-se novamente. A última coisa que a condessa precisava era de outro homem a suspirar por ela. Sem dúvida que idiotas a adorá-la deviam ser às dúzias na sua vida. E, por falar em idiotas, porque não estava o marido a babar-se por ela naquela noite? Tudo indicava que ela tinha ido sozinha à festa.

Smith olhou por cima do ombro.

A condessa voltara para trás. Tinha a cabeça baixa, como se estivesse a preparar-se para alguma coisa antes de voltar para a gala.

Ele abrandou o passo. Depois parou.

– Passa-se alguma coisa consigo? – perguntou-lhe, com a voz a ecoar pelas paredes nuas do corredor. No preciso momento em que fez a pergunta desejou não o ter feito e resmungou: – Apareceu alguém com um vestido igual ao seu?

A cabeça da condessa virou-se bruscamente. Endireitou-se e olhou-o com frieza.

– Não se passa absolutamente nada comigo. – A sua voz era firme e as palavras soavam claras. Talvez ele tivesse imaginado a vulnerabilidade dela. – A si, pelo contrário, infelizmente faltam-lhe boas maneiras.

Smith franziu o sobrolho, pensando que ela era muito eficiente a inferiorizá-lo. Com uma frase pronunciada num tom seguro e calmo, fê-lo sentir-se como um zé-ninguém. Mas, por outro lado, não havia dúvida de que ela tinha muita prática em menosprezar as pessoas e, provavelmente, já tinha aperfeiçoado essa capacidade com todo o seu séquito de criados ao longo dos anos.

Mas ele não era um dos seus lacaios. E ela não tinha nada que se meter no seu caminho. Mesmo que o assassino do embaixador estivesse morto, a última coisa de que Smith precisava era de ter alguém como ela ferida. Ela precisava de voltar para a festa naquele momento para ele poder fazer o seu trabalho.

«Está na hora de ser duro», pensou ele.

Smith dirigiu-se até à condessa e teve de ignorar o perfume estonteante dela enquanto a olhava furioso.

– Há alguma coisa que queira dizer-me? – perguntou ela cerimoniosamente. – Ou quer apenas ameaçar-me?

Smith ficou surpreendido com o seu olhar indiferente, pois as pessoas recuavam rapidamente quando ele lhes mostrava uma expressão ameaçadora. A loura mantinha a sua postura.

Ele aproximou o rosto do dela, sentindo-se irritado.

– Lamento apenas se a ofendi – disse ele. – A minha intenção era irritá-la.

– Por que razão pretendia isso?

– Porque a senhora está no meu caminho.

– Como?

O tempo passava, o embaixador estava a aproximar-se e a tenacidade da condessa começava a afetá-lo.

Bem como a sua proximidade. Olhou fixamente para ela e sentiu uma urgência que não tinha nada a ver com sentido de oportunidade e tudo a ver com desejo.

«Mulher errada, lugar errado», pensou ele. «Livra-te dela.»

– Diga-me, condessa, a senhora exige sempre tanta atenção? – A voz dele era fria, desdenhosa.

– Eu não estou a exigir nada de si – respondeu ela.

– A senhora escolhe o único homem que não tem qualquer interesse em si e segue-o para fora da festa. Isso parece-lhe distante?

Estava ansioso para se ver livre dela, mas havia mais. A sua reação àquela mulher, a intensidade e a desadequação disso deixou-o receoso. Estar ali à frente dela era como estar à frente do fogo. E ele era um homem que não tinha qualquer intenção de ser queimado.

Ficou surpreendido quando os lábios dela se ergueram num meio sorriso. Em vez de conseguir a reação que desejava, algum

tipo de desaprovação, ele estava a ser olhado com uma censura tolerante.

E a seguir ela chocou-o indo direta ao assunto.

– O senhor – afirmou ela de forma decisiva – sente-se ameaçado por mim.

Smith ficou atordoado mas recuperou com um acesso de raiva.

Quem pensava aquela *Barbie* de sangue-azul que era? Ele estava no negócio de salvar vidas e ela desfilava nas festas com os seus vestidos elegantes. Ele lidava com assassinos, ladrões e psicopatas para viver. Ele sentia-se ameaçado por ela? Uma ova!

– Tem um ego dos diabos, *Barbie*, se pensa que é assustadora – observou ele.

– E o senhor parece cada vez mais antagónico. Interrogome porquê.

Smith apontou com o polegar para a porta.

– É melhor a senhora voltar para os seus amigos lá fora na festa. Estará muito mais segura entre todos aqueles bonecos *Ken* do que sozinha aqui comigo no corredor de serviço.

Em resposta, ela teve a ousadia de lhe sorrir abertamente.

Não entenderia ela que ele era um homem perigoso? Um homem armado, por Deus!

E tinha ela de cheirar tão bem?

A condessa agitou a cabeça com tristeza.

– Sabe, realmente pensei que você era diferente.

Diferente? Nisso ela estava certa.

– Pode apostar que não tenho nada em comum consigo.

– Lá fora, pensei que tinha realmente o controlo, era responsável por algo.

– Oiça, eu sou responsável pelo mundo inteiro.

– A sério? Então por que razão está tão aborrecido? Estamos apenas a conversar.

– Não *estamos* a fazer nada. A senhora está a tomar o meu tempo.

Ela encolheu os ombros num movimento elegante.

– Você é que veio ter comigo. Ninguém está a prendê-lo aqui.

Quando ele se aproximou, ela ergueu as mãos no ar, num gesto de inocência.

Voltou-se para a porta e olhou para ele por cima do ombro.

– Também não é muito inteligente.

– O que quer dizer com isso?

– Sun Tzu, *A Arte da Guerra*. Algumas regras simples sobre o conflito humano. Se o seu adversário estiver zangado, irrite-o. – Ela atirou-lhe um olhar sob as pestanas enquanto pousava a mão na maçaneta da porta. Aquele sorriso rasgado e descontraído acicatou-o. – A técnica da instigação funciona particularmente bem até com homens duros como você. Talvez especialmente com homens duros como você.

Aquilo foi a gota de água.

Num movimento que nada teve a ver com a sua mente consciente, Smith agarrou-a e puxou-a para si. Ela tinha-o levado ao limite do seu autodomínio.

E ainda mais além.

O divertimento abandonou o rosto dela quando as suas mãos pressionaram o peito dele.

– O que está a fazer?

– É demasiado tarde agora para voltar atrás, condessa – rosnou ele. – Pressionou o homem errado.

Tomou os lábios dela num beijo punitivo, os braços contraídos e a segurá-la tão perto que era capaz de sentir cada centímetro do corpo dela. A sensação daquele corpo contra o seu foi um choque. Os contornos macios dela encaixavam suavemente nos ângulos duros do corpo dele e uma onda de luxú-

ria trespassou-lhe o corpo. Ela parecia fogo puro, nada como ele havia alguma vez experimentado.

Enquanto fazia deslizar a língua por entre os lábios dela, um gemido surgiu na garganta dela. Sentiu-a agarrar-lhe os ombros à medida que deixava de tentar afastá-lo e começava a beijá-lo também.

Foi então que o auricular se fez ouvir. O carro do embaixador acabara de chegar.

Smith quebrou o contacto, deu um passo atrás e respirou pesadamente. Ela abriu os olhos verdes cheios de vida e olhou-o sem palavras.

Ele fez uma pausa absorvendo a aparência dela. Tinha os lábios inchados e vermelhos do beijo, a respiração saía-lhe do peito em batimentos suaves, as faces ruborescidas. Era uma mulher inesquecível que teria de ser esquecida. Caso contrário, enlouqueceria – estava certo disso.

Smith virou-se abruptamente e começou a correr, sabendo que o melhor para ele era estar naquela entrada de serviço quando o embaixador saísse da limusina. Nunca tinha perdido um cliente e não ia começar naquela noite.

«Esquece apenas que a conheceste», disse para si próprio enquanto corria pelo chão de cimento.

Não devia ter grande sorte com isso.

Raios! Porque diabo havia ela de o ter seguido? E por que razão ele não tinha continuado a andar?

«Porque, entre nós, está tudo apenas a começar», pensou ele.

O seu sexto sentido dizia-lhe que os seus caminhos cruzar-se-iam de novo.

